BOLETIM NPC

15º
Curso Anual
do NPC
11 a 15 de novembro de 2009

BOLETIM ESPECIAL DO NÚCLEO PIRATININGA DE COMUNICAÇÃO ■ Ano X ■ Nº 158

Porto Alegre/RS - 10º Aniversário do FÓRUM SOCIAL MUNDIAL - Janeiro 2010

Hoje, Gramsci se sentiria em casa.
Todo mundo já ouviu a expressão
"A mídia é o verdadeiro Partido da burguesia".
No tempo de Gramsci não se usava a palavra
mídia. Existia mesmo era a imprensa,
com o rádio dando seus primeiros passos.
A TV era apenas um projeto,
e a Internet nem era sonhada.
De lá prá cá, a mídia, como nova realidade,
passou a ocupar cada vez mais espaço.
Em 2009, no Brasil, na América Latina e no
mundo, a mídia apareceu com toda sua força.
Disso nasceu o tema-título do 15º Curso anual
do NPC de 2009: Mídia como partido político.
Uma homenagem a Lênin com
seu artigo *Por onde Começar,* de 1901.
Uma homenagem a Rosa Luxemburgo
que morreu com seu novo jornal
Bandeira Vermelha na mão.
E uma homenagem a Gramsci
com seu hino à necessidade de a esquerda
disputar a hegemonia para a construção
de uma nova sociedade.

4 Comunicação popular: passos a serem dados

5 Mídia sindical pode disputar a hegemonia

6 Na América Latina surge uma nova comunicação

10 Cultura é comunicação e formação

Editorial

NPC: 15 anos a serviço da Comunicação dos Trabalhadores

● Mídia como partido da burguesia ● cultura brasileira e identidade nacional ● mídia de resistência e contra-hegemonia ● quadro regional da comunicação no País e na América Latina ● Conferência Nacional de Comunicação ● mídia e criminalização da pobreza.

Esses foram os assuntos tratados durante os dias 11, 12 e 13 de novembro, no 15º Curso Anual do NPC, no Centro do Rio de Janeiro. O encontro contou com a participação de cerca de 200 pessoas, entre jornalistas, dirigentes sindicais e militantes de diversos movimentos sociais e segmentos da sociedade.

"A imprensa orienta os aparelhos privados de hegemonia"

A Mídia como partido do capital

Todos os palestrantes, direta ou indiretamente, reafirmaram o título geral do encontro: **A Mídia como partido do capital**.

A historiadora Virgínia Fontes, que esteve na mesa de abertura do curso, explicou o porquê deste tema. Como ela lembra, o filósofo italiano comunista, Antonio Gramsci, considerava a imprensa como partido da burguesia porque ela cumpre o papel de orientar os Aparelhos Privados de Hegemonia. Estes, por sua vez, lidam com interesses diferentes e se empenham em obter o consenso como condição indispensável à dominação de um certo grupo sobre os demais. E mantém-se essa dominação aliando convencimento (persuasão) à coerção.

Para Virgínia Fontes, no Brasil esse fato fica óbvio, pois junto à violência cresce a justificativa dada pela mídia à truculência do Estado, como a atuação de policiais e caveirões, nas favelas e bairros de periferia.

Da mesa de abertura também participaram os jornalistas José Arbex Jr. e Pascual Serrano. Ambos abordaram a situação da mídia na América Latina, e aspectos como concentração, manipulação, e o mito da imparcialidade.

Os 15 anos do NPC foram saudados pelo jornalista José Arbex como um ato heróico. "Sabemos como são difíceis as condições dos que fazem comunicação contra-hegemônica em um país que tem uma comunicação com alto padrão de qualidade técnica e que age como um partido político, como é a mídia brasileira".

Nos seus 15 anos o NPC homenageou palestrantes e participantes que ajudaram a construir e a manter vivo o NPC: René Dreiffuss *(in memorian)*, através de Dênis de Moraes; José Arbex Jr; Venício Lima; Marcos Dantas; Raimundo Pereira e Beto Almeida.

Eduardo Nunes

Núcleo Piratininga de Comunicação

Rua Alcindo Guanabara, 17 • sala 912 • CEP 20031-130 • Centro
Tel.: (21) 2220-5618 / 9923-1093 • www.piratininga.org.br • boletimnpc@uol.com.br

Redação: Claudia Santiago e Sheila Jacob • **Web:** Luisa Santiago • **Diagramação:** Daniel Costa
Colaboraram nesta edição: Daniel Hammes (RS) • Diego Oliveira (SE) • Laudenice Oliveira (PE) Marcos Aurélio Gungel (SC) • Marília Gonçalves (RJ) • Mário Camargo (RJ) • Najla Passos (DF) Tatiana Lima (RJ) • Rogério Almeida (PA) • Vito Giannotti (RJ)

Cordel do NPC

Para o NPC, Comunicação tem classe

Laudenice Oliveira
Recife (PE)
15.11.2009

Quero contar pra vocês
Uma história bem contada
É a do NPC
Do Vito, do Augusto,
da Sheila e da Claudia

Pense num povo bom
Gente fina e arretada
Traz a gente cá pro Rio
Pra estudar e compreender
O que é comunicação
Pra usá-la para nos defender
Do poder do capital
Que vive a nos ofender

Aqui se aprende de tudo
Marx, Gramsci e o que vier
Tem o Dênis e o Arbex
Com aquela risadinha assim
Tem também a Virgínia
Marxista de ir e vir
Esse curso minha gente
Junta gente do Brasil
Do Nordeste, Sul e Sudeste
De todas as regiões, enfim

As tribos são as mais distintas
É gente que num tem mais fim
Tem até gente maluca
Aliás é coisa que não pode faltar
Por fim é essa loucura
Que faz virmos aqui nos encontrar
Para pensar uma comunicação
Que possa o mundo mudar

Para contribuir com os sem tetos
Os sem terras e os operários
Os biscateiros e os funkeiros
Que o poder chama de otários
Porque só querem deles
A sua força de trabalho

Nesse curso só se fala
em comunicação
Não aquela enganosa,
a da Globo e a do patrão
Essa comunicação tem lado
e eu vou dizer
Que é a classe trabalhadora
Que queremos defender

Usar livros e Internet
pra que possam nos ver
Porque comunicação tem classe
E esta aqui é a nossa
A dos trabalhadores

Quanto ao perfil não importa
Se é cutista ou maoísta
Se petista ou outros afins

O que queremos é juntar
Os pensamentos e construir
Na diversidade mudar
Este mundo que tá ruim

E o NPC tem o papel
De contribuir com isso assim
Trazendo sem terra e sem teto
Juntando esse monte de gente aqui
Falando de tudo um pouco
TV, cinema e algo mais

Esse curso é tão porreta
Que a gente não esquece jamais

15 anos a serviço da Comunicação dos Trabalhadores

Este é o NPC

Claudia Santiago

Curso de comunicação popular do NPC 2009

Mário Camargo

Plenária do 15º Curso Anual

Publicações e videoteca do NPC

O NPC é formado por um grupo de comunicadores, jornalistas, professores, artistas gráficos, ilustradores, fotógrafos e militantes de esquerda interessados na comunicação dos trabalhadores. São pessoas que trabalham com o objetivo de melhorar a comunicação, tanto de movimentos comunitários ou populares, quanto de sindicatos e outros coletivos.

Já faz mais de quinze anos que realizamos esta tarefa, por meio de cursos, palestras, publicações e produção de vários materiais de informação e formação.

Queremos contribuir para a construção de um mundo com justiça e sem exclusão. Para alcançar esse objetivo, acreditamos que os trabalhadores e os setores populares precisam reivindicar o direito de comunicar com todos os meios. E aperfeiçoar constantemente sua capacidade de comunicação.

É por isso que apresentamos a esses grupos sociais nossos conhecimentos adquiridos por meio da nossa formação específica e também da nossa prática social. Foi para isto que o NPC foi criado. Partimos da certeza de que, sem comunicação, não há possibilidade de os trabalhadores implementarem seu projeto de uma sociedade bem diferente da sociedade que existe hoje.

O NPC atua através de uma equipe técnica responsável pelo trabalho formativo e organizativo das várias atividades.

Contamos, também, com participação e apoio de uma rede imensa de parceiros (na maior parte ex-alunos dos nossos cursos) com quem trabalhamos ao longo de nossa trajetória. Uma das maneiras de manter contato e divulgar a produção destes parceiros é o nosso Boletim Quinzenal, de alcance nacional que é especializado em comunicação militante, cultural, formativa, sindical e popular.

Também colaboramos com várias entidades e movimentos co-irmãos, seja realizando ações conjuntas, seja solicitando ou oferecendo apoios pontuais.

O que fazemos

Capacitamos e promovemos a comunicação popular, em todo o território nacional, para diversos grupos. Trabalhamos desde o tradicional jornal impresso às várias possibilidades da Internet; da oratória ao uso do rádio e do vídeo. Para isso, fazemos o seguinte:

- **Ministramos cursos** ligados à área da comunicação sindical e popular e história dos trabalhadores, em todos os Estados onde somos convidados.

- **Ministramos um Curso de Comunicação Popular** de 4 meses para moradores de favelas que já atuam na área da comunicação popular.

- **Realizamos palestras/debates,** onde formos convidados, sobre temas da nossa ação;

- **Produzimos jornais,** cartilhas, revistas, livros e uma Agenda para os trabalhadores;

- **Avaliamos e propomos** mudanças em publicações sindicais;

- **Fazemos planejamento** na área da comunicação;

- **Fazemos reportagens** dentro e fora do Brasil;

- **Promovemos um Curso Anual do NPC,** no Rio de Janeiro, sobre um tema central da Comunicação com dezenas de palestras, debates, oficinas com especialistas.

- **Mantemos uma videoteca,** com o objetivo de sensibilizar sobre a utilidade e a necessidade de se utilizar o vídeo na formação e capacitação de agentes populares.

*Saiba mais em: www.piratininga.org.br e siga-nos pelo twitter: @NPC_*

Assine o Boletim NPC - envie email para boletimnpc@uol.com.br

Sobre o curso anual do NPC

Por Rogério Almeida

O Curso Anual de Comunicação do Núcleo Piratininga (NPC), organização com sede do Rio de Janeiro, celebrou a sua 15ª edição entre os dias 11 a 15 de novembro. A longevidade contraria uma rotina que marca as iniciativas na trincheira popular de comunicação: a descontinuidade.

O Curso do NPC constitui-se num grande afago em tempos marcados pela incerteza.

Os ventos dos cursos do NPC nos oxigenam os pulmões e inebriam a alma. Afagam o coração e inquietam os neurônios.

A bancada é democrática. Fala o povo da Maré. O negro que escapou do açoite da senzala e que se encontra oprimido na miséria da favela. E que rotineiramente tem as execuções de jovens banalizadas nos mais diferentes noticiários.

Fala o povo sem terra. Fala a mulher, o jovem e o idoso.Não se realiza uma viagem em mares tortuosos sem a soma de inúmeros braços e espíritos combativos. Sem a alegria de um samba. Sem celebrar a vida, a solidariedade e o amor em seu mais elevado grau.

Mário Camargo

Na comunicação popular há muitos passos a dar

Será que falar em Comunicação Popular, hoje, tem o mesmo significado para quem começou a militância na área nos anos 70 e para quem está começando agora? Embora muitas das desigualdades sociais permaneçam inalteradas, o mundo mudou. Mudou muito em pelo menos duas áreas que envolvem diretamente a comunicação popular: na maneira como as pessoas se informam e na luta política.

Por Claudia Santiago

Nos idos dos anos 70 e 80, no Brasil e na América Latina, fervilhavam lutas dos povos contra as ditaduras que haviam se instalado na região. No Brasil, operários e camponeses uniam-se a donas de casa, jornalistas e professores, dentre tantos outros, e lutavam pelo fim do regime militar, contra a carestia e por reajuste salariais.

Nesta luta, a comunicação popular teve um papel destacado. Centenas de pequenos jornais foram produzidos nos bairros e nas lutas populares, com a proposta de se constituir em um processo de comunicação que fosse fruto da ação de grupos populares e expressão dessas lutas. Ou seja, uma comunicação que alimentasse as lutas e por elas fosse alimentada.

Na década de 90, o movimento popular sofreu um refluxo sob os escombros do muro de Berlim, e com a decisão do Vaticano de acabar com a Teologia da Libertação. A Comunicação Popular refluiu junto com tudo isto e junto com a imprensa alternativa. Neste período, quem segurou o rojão na disputa contra-hegemônica foi a imprensa sindical.

Um novo passo a dar

Com a virada do século, as coisas começaram a virar também para a comunicação alternativa e popular no Brasil. Renasceram experiências de comunicação alternativa, vide p. 12 deste jornal. As rádios comunitárias pipocaram de norte a sul do país. E o debate sobre comunicação, que andava abafado no peito dos movimentos populares, explodiu no fim da década passada, culminando com a realização da Conferência Nacional de Comunicação.

Mas a comunicação popular também explodiu? Ainda não. São poucas as experiências populares, embora haja várias importantes. "Sabemos como são difíceis as condições dos que fazem comunicação contra-hegemônica em um país que tem uma comunicação com alto padrão de qualidade técnica e que age como um partido político, como é a mídia brasileira", afirmou José Arbex Jr.

Porém, mesmo com todas as dificuldades, pequenos grupos fazem tentativas de jornais, rádios, *blogs*, *sites*, revistas, vídeos, portais. O grande desafio tem sido aliar o conhecimento no manejo das novas ferramentas tecnológicas, que estão possibilitando esta nova leva na comunicação popular, com a participação política.

O quadro hoje

Hoje, vivemos a seguinte situação.

- A) Existem experiências muito boas do ponto de vista da qualidade da produção e até com certa estrutura material. Elas padecem, porém, da dificuldade em aglutinar pessoas em torno delas.

- B) Por outro lado, há o caso de movimentos fortes e relativamente organizados que ainda não produzem sequer um panfleto pra divulgar suas lutas.

- C) Obviamente, há também o caso de experiências que reúnem qualidade, estrutura e participação.

Um exemplo é a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço) do Rio Grande do Sul que criou em agosto do ano passado, o *Jornal dos Trabalhadores*, um instrumento de informação disponível em áudio na internet, voltado para a classe trabalhadora. São produzidos dois programas semanais, de 30 minutos cada.

Claudia Santiago

Alunos do Curso de Comunicação Popular no Grito dos Excluídos 2009

Venício e Cristian vêem avanços na mídia alternativa

Laudenice Oliveira

Venício Lima (DF) e Cristian Góes (SE) que dividiram a mesa Mídia Regional com Rogério Almeida (PA)

Venício Lima, em entrevista à jornalista Sheila Jacob, do Boletim NPC, afirmou que muita coisa tem mudado em relação à mídia nos últimos 20 anos, sobretudo em função dos avanços tecnológicos. É exatamente desta movimentação que estamos falando. Ela existe, mas ainda é cedo para se fazer previsões sobre o caminho que trilhará. Se será uma comunicação diferente, feita por indivíduos; ou uma comunicação coletiva que reflita os anseios e preocupações de grupos sociais organizados.

> *Dentro da sociedade civil organizada existe uma consciência da importância da mídia alternativa e da imprensa sindical e da necessidade de se unificarem os esforços para que se possa construir algo que enfrente a mídia tradicional. Há várias tentativas em andamento, como sites combinados com emissoras de rádio, com revistas, vídeos. Há uma certa movimentação de avanço na sociedade".* ***(Venício Lima)***

> *Nos debates sobre democratização dos meios de comunicação no Brasil, uma expressão é quase obrigatória: coronelismo eletrônico. Ela representa a síntese de uma política atrasada, autoritária e concentradora que envolve a terra, o Estado, as relações econômicas e o conjunto da comunicação nos espaços do poder.*
> *A comunicação é fundamental para manter essa situação.* ***(Cristian Góes)***

A Comunicação sindical PODE disputar a hegemonia na sociedade

A imprensa dos trabalhadores, na sociedade capitalista, tem o papel de se contrapor às idéias dominantes. Se contrapor às idéias hegemônicas para arrancar vitórias imediatas e de longo prazo. Ela PODE ser uma imprensa contra-hegemônica. PODER não quer dizer que ela o faça. É uma enorme possibilidade que não pode ser desperdiçada.

Por Vito Giannotti

Desde o começo da história da classe trabalhadora, em nosso país, a **Imprensa Operária** sempre teve um papel central. De 1875 a 1930 foram criados mais de 500 jornais operários. Em 1919, existiram, no Brasil, dois jornais diários feitos e distribuídos entre os trabalhadores: *A Plebe* e *A Hora Social*. Em 1946 existiam oito jornais diários ligados ao PCB, usados para a politização em fábricas, estaleiros , escritórios, bancos e ferrovias. Durante a Ditadura militar foi a vez da **Imprensa Alternativa** e de centenas de jornaizinhos clandestinos distribuídos em fábricas e bairros.

Com o renascimento da atividade sindical e a explosão das greves, em 78, floresceu uma enorme quantidade de jornais sindicais. Esta **Imprensa Sindical**, de 1980 a 2000 foi muito importante no combate à onda neoliberal.

Hoje, segunda década do século XXI, a **Imprensa Sindical** continua a ser um fortíssimo pólo de informação dos trabalhadores. Pólo de informar, formar politicamente, disputar a visão de mundo dominante na sociedade. Instrumento essencial para levá-los à ação.

Melhorar nossa comunicação

Esse potencial de conquistar corações, mentes e braços para agir precisa sempre ser aperfeiçoado e incrementado. O Núcleo Piratininga de Comunicação investe no convencimento da centralidade da comunicação para disputar a hegemonia e na necessidade de sempre melhorá-la. Vamos enumerar alguns passos possíveis para tornar esta ferramenta cada dia mais afiada.

1) Garantir um conteúdo que faça a disputa político-ideológica que a sociedade nos impõe.
2) Melhorar a qualidade dos nossos instrumentos. Torná-los mais atrativos, mais comunicativos.
3) Cuidar da linguagem. É preciso se fazer entender por todos, do pós-doutor a quem tem pouca escolaridade.
4) Aumentar o volume da nossa comunicação. O outro lado está com bilhões para nos atacar. Por isso aumentar o investimento em todo tipo de comunicação.
5) Fazer um grande movimento de massas para impor a democratização na distribuição dos canais de rádio e TV, das chamadas "concessões públicas".
6) Enquanto isso, vamos usar e abusar da Internet: páginas, boletins eletrônicos, blogs, orkut, youtube, twitter ...
7) Avançar no uso do rádio, sob todas as formas: rádios comunitárias, rádios livres, rádio-web, tudo.

Todos estes passos são necessários para a comunicação sindical cumprir seu papel de informar, formar e organizar os trabalhadores. Como nos ensinaram os mestres Lênin, Rosa, Gramsci e tantos outros.

Alguns dos milhares de jornais sindicais

Eduardo Nunes

Mesa sobre Comunicação Sindical Hoje, com Cida Marchi (Sinpaf), Henry Figueiredo (Sisejufe-RJ), Clomar Porto (Metalúrgicos de Caxias/RS), Maria Melo (MST)

A agenda da comunicação sai da penumbra na América Latina

Por Sheila Jacob

Altamiro Borges lembrou que o 15º curso do NPC começa quando termina o encontro da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP), que "reuniu 500 representantes da oligarquia midiática da América Latina".

O jornalista lembrou que a SIP, criada no pós-guerra, foi tomada de assalto pela CIA e esteve do lado dos EUA durante a Guerra Fria; esteve ligada à Ditadura de Somoza, na Nicarágua; fez parte de todo processo contra-revolucionário de Cuba; e se calou frente ao golpe midiático na Venezuela, em 2002.

Eduardo Nunes

No Brasil, vimos a mídia comercial apoiar o Golpe de 1964 – exceto o jornal *Última Hora*. No Chile, o *El Mercúrio* foi o principal preparador do golpe contra Allende; o *El Clarin* foi pivô no golpe militar da Argentina etc.

Hoje, para Borges, essa mesma mídia é responsável por fazer a transição das ditaduras de fato às ditaduras do mercado. Elas reproduzem a ideia de que se tem que diminuir o papel do Estado, de que os trabalhadores públicos são marajás, e de que é preciso reduzir os direitos trabalhistas.

Diante dessa situação, o jornalista elogiou a revisão, em 2009, da Lei de Comunicação na Argentina, que foi uma medida tomada contra toda essa maré de defesa do capital e dos interesses de grupos privados.

O processo foi elogiado tanto por sua metodologia democrática de consulta à sociedade quanto pela coragem política da presidenta Kirchner de enfrentar o monopólio da comunicação do país. A lei propõe a divisão de 1/3 do espectro da radiodifusão para o setor privado; 1/3 para o público; e 1/3 para a sociedade civil.

Nasce uma nova comunicação latino-americana

Por Beto Almeida

Temos uma fileira de vítimas da ditadura midiática, que têm defendido que o progresso tecnológico da comunicação deve ser tratado como patrimômio da humanidade. A convocação da 1ª Confecom, permite que conheçamos a gigantesca dívida informativo-cultural que se acumulou contra o nosso povo. Novas informações vão surgindo, revelando que algo se move aqui e em boa parte da América Latina.

A Argentina, com sua nova lei de comunicação, quebra o monopólio do Grupo Clarin, fortalece os veículos estatais e abre 33% da comunicação para a sociedade. A Telesur, TV da integração dos povos do sul,se consolida e amplia seu alcance para a África. Na Bolívia, surge uma cadeia de rádios indígenas e também um jornal público, o *Câmbio*, que em seis meses de vida já tem circulação igual ao maior jornal da burguesia racista boliviana, com décadas de existência. Na Venezuela, a Revolução Bolivariana quebra o tabu que considerava o tema intocável e faz a Constituição valer mais que os privilégios dos magnatas midiáticos: as concessões não são renovadas automaticamente, como se fossem um privilégio vitalício das oligarquias. O Equador caminha para fortalecer o seu jornal público, *El Telégrafo*, e também promove uma reorganização democrática que amplifica e consolida a comunicação pública.

Luisa Santiago

Crise em Honduras mostra enfraquecimento da hegemonia dos EUA no continente

O jornalista José Arbex Jr participou da mesa de abertura do 15° Curso Anual do NPC, que ocorreu no dia 11 de novembro. Ele analisou a crise de Honduras, e disse que o golpe recente mostra que a Doutrina Monroe, do lema "A América para os (norte) americanos", está em declínio, pois a hegemonia dos Estados Unidos no continente está abalada.

Além de citar os governos de Hugo Chavez, Evo Moralez e Rafael Correa como claros opositores ao domínio dos Estados Unidos na região, Arbex pontuou outros fatores de enfraquecimento. Ele lembra que, a partir de 2000, destaca-se o protagonismo dos povos originários, que já tinham mostrado resistência desde o movimento zapatista.

"Honduras foi um dos países que mais sofreram a influência do plano de hegemonia dos EUA, com a instalação no país das empresas de exportações das frutas – inclusive a United Fruit, conhecida por ter comandado o golpe na Guatemala contra Jacob Arbens", disse Arbex. Ele lembrou também que, na década de 1980, os Estados Unidos instalaram uma base militar em Honduras (Base de Palmirola) a 30 quilômetros da capital Tegucigalpa. "O país era considerado porta-aviões não afundável dos Estados Unidos", comentou Arbex.

Como o jornalista observa, a justificativa para o golpe reproduzida pela mídia comercial foi a afronta à Constituição que representou a consulta popular que Zelaya propunha. "A mídia no Brasil é extremamente competente. É muito fácil aceitar a versão de que é o caso de alguém que quer se perpetuar no poder etc. Mas, o que esses veículos não contaram é que Zelaya incorporou Honduras à Alba, aliança criada por Cuba e Venezuela em 2004 para fazer frente à Alca".

Outra possível explicação para o golpe, silenciada pelos meios empresariais, foi a intenção de fechamento da Base de Palmirola por Zelaya, e sua transformação em aeroporto civil. Tudo isso ocorre junto à instalação das sete bases militares da Colômbia, com a desculpa de combate ao narcotráfico no continente. *(SJ)*

Eduardo Nunes

Sheila Jacob entrevista Dênis de Moraes, palestrante no 15° Curso Anual do NPC

No Brasil, a batalha da mídia está só começando

Eduardo Nunes

"A revista *Carta Capital* publicou no ano passado que mais de 250 parlamentares têm interesses diretos ou indiretos nos negócios da comunicação no país".

O professor Dênis de Moraes, da UFF, lançou no ano passado o livro Batalha da Mídia, em que analisa avanços em termos de políticas públicas de comunicação na AL. Em entrevista ao BoletimNPC, ele falou sobre a 1ª Confecom, para ele importante por dar visibilidade ao tema, e não pelas expectativas de mudanças, já que "mais de 250 parlamentares têm interesses diretos ou indiretos nos negócios da comunicação". Dênis comenta ainda o exemplo da Argentina na revisão da lei de comunicação do país.

Boletim NPC: Em seu livro *A Batalha da Mídia*, você aborda casos de governos latino-americanos que tomaram ou vêm tomando medidas progressistas em relação à comunicação. Como você vê o Governo Lula nesse contexto?

Dênis de Moraes: No sentido geral das políticas de comunicação, o Governo Lula é uma decepção completa. Desperdiçou dois mandatos, que poderiam ter feito avançar pelo menos a discussão de uma nova e abrangente legislação de comunicação no país.

O Governo Lula optou por conviver harmonicamente com uma legislação anacrônica e com um sistema de comunicação profundamente elitista que concentra os setores de informação e entretenimento nas mãos de poucos grupos privados.

Isso me parece mais grave no tocante à legislação de radiodifusão. Deveria ser um fator de uma abertura democrática e de uma repartição igualitária do espectro da radiodifusão em 1/3 para o setor público, 1/3 para o setor privado, e 1/3 para a sociedade civil.

Boletim NPC: Você reconhece algum avanço nesses oito anos de mandato?

Dênis: Ocorreu em algumas áreas do audiovisual porque houve alguma reorientação dos fundos públicos no sentido de um maior apoio à produção audiovisual independente. Nessa área percebemos uma descentralização das verbas com produtores culturais, e por meio de editais como o dos Pontos de Cultura e de Mídia Livre. De uma forma mais tímida, houve uma abertura maior das verbas oficiais de publicidade para outras áreas da mídia que não são comerciais. Mas mais de 90% das verbas oficiais de publicidade vão para a mídia comercial. O que o atual Governo fez, e acho que tem seu mérito, foi uma espécie de inclusão de uma parte da mídia alternativa e comunitária nesse sistema de verbas públicas de publicidade. A concentração brutal das verbas de publicidade em torno da mídia comercial se manteve inalterada.

Boletim NPC: E quanto à 1ª Conferência Nacional de Comunicação?

Dênis: É um marco histórico significativo, na medida em que a comunicação passou a ter visibilidade maior perante a sociedade civil organizada.

Mas temos que pensar em duas coisas. Primeiro: o mesmo governo que convocou a Confecom durante oito anos muito pouco fez em termos de políticas de comunicação. Não o faz porque tem uma base parlamentar heterogênea e formada por importantes partidos da direita. Esse é um traço que o distingue de outros governos latino-americanos. No Brasil, nós temos esse fenômeno perverso: um governo formado por áreas de esquerda, que incorporou à sua coalizão forças do atraso e forças reacionárias.

A revista *Carta Capital* publicou em 2008 que mais de 250 parlamentares têm interesses diretos ou indiretos nos negócios da comunicação no país. Dentro destes, mais de 70% compõem a base parlamentar do governo do PT. Isso ajuda a entender porque os interesses políticos prevaleceram sobre os interesses da cidadania e da democratização da comunicação.

Boletim NPC: A presidente argentina Cristina Kirchner aprovou uma revisão da legislação da comunicação.

Dênis: O exemplo recente da Argentina mostra que é possível, dentro do direito democrático, respeitando a contratualidade e as diferentes correntes de opinião, oferecer a mais avançada legislação de comunicação nesse momento não apenas no continente, mas do ponto de vista internacional.

Boletim NPC: O que significa a Lei Cristina?

Dênis: Combate à concentração da mídia; apoio à produção audiovisual independente; reorientação legal no sentido de prestigiar veículos alternativos e comunitários; repartição equânime do espectro da radiodifusão em 1/3 para o setor público, 1/3 para o privado, e 1/3 para a sociedade civil; entre outras medidas democratizadoras.

A lei contemplou grande número de pontos de uma organização da sociedade civil chamada Coalizão para uma Radiodifusão Democrática. Esse grupo representa vários setores e suas propostas contribuíram para a construção de uma lei que servisse primordialmente ao interesse público, e não ao interesse mercantil das grandes corporações.

E lá o governo procura informar a sociedade e esclarecer seus propósitos democratizadores que nada têm a ver com a campanha sórdida que os meios de comunicação estão fazendo contra a lei e contra o governo. Esse é um exemplo que serve para o Brasil, vindo de um país localizado a 2 horas e 40 minutos da cidade do Rio de Janeiro.

A entrevista completa está em www.piratininga.org.br

O pensamento de Pascual Serrano

*"**O mecanismo da mídia** burguesa não é somente a mentira, porque eles sabem que sua principal carta é a credibilidade. O plano é mais refinado: utilizam-se de silenciamentos de notícias que eles não gostam. Por exemplo: a missão Milagro, realizada em uma parceria entre Venezuela e Cuba, que fez com que um milhão de pessoas de origem humilde na América Latina e Caribe conseguissem recuperar a visão".*

*"**Evo Morales ou o Lula** passaram anos reclamando que os meios de comunicação não paravam de atacá-los. Reclamar me parece uma política ineficaz. Se um governo progressista é atacado, ele tem que desenvolver políticas públicas para democratizar a comunicação. Estes meios públicos não podem se converter em meios de governo, presidentes e partidos. Devem ser participativos, democráticos e estar sob controle do cidadão".*

*"**Não há pacto possível** com os grandes meios. Eles somente hipotecam espaços, mas não deixarão que nada se mova. O que devemos buscar é uma revolução midiática. Assim como não há pacto com latifundiário, também não há de mídia, porque são empresas de comunicação e, por trás, existem grupos de empresários e um modelo econômico".*

Mário Camargo

*Trechos da entrevista feita por Brasil de Fato e Caros Amigos com o jornalista espanhol Pascual Serrano. Ele é um dos fundadores da página Rebelión (www.rebelion.org). É autor do livro **Desinformación: Como los medios ocultan el mundo.** Veio ao Brasil para participar do 15º Curso Anual de Comunicação do NPC. A entrevista completa está em www.piratininga.org.br*

De olho na vida: palestra de Maria Lúcia Fatorelli

População desconhece CPI da Dívida

A população brasileira não sabe que uma CPI, na Câmara dos Deputados, investiga a natureza da dívida pública brasileira, que chega a consumir até 47% do orçamento que o país poderia direcionar para educação, saúde e outros investimentos.

Por Najla Passos (DF)

Maria Lucia Fatorelli, no 15º Curso Anual do NPC, consultou o auditório para saber quem conhecia a existência da CPI da Dívida. Mesmo em um fórum privilegiado como aquele, formado por jornalistas, acadêmicos, intelectuais e lideranças sindicais e populares, poucos sabiam deste fato.

Segundo ela, o silêncio sobre a CPI tem o propósito de reforçar o mote publicitário do governo Lula de que o Brasil acabou com sua dívida externa e "é até capaz de emprestar dinheiro ao fundo Monetário Internacional – FMI".

Entretanto, garante ela, "a dívida externa brasileira não acabou". Em julho passado, alcançou U$S 267 bilhões, ao mesmo tempo em que a dívida interna atingiu R$ 1,8 trilhão. Em 2008, o Brasil queimou R$ 282 bilhões em pagamentos de juros e amortizações da dívida, sem contar os prejuízos decorrentes da rolagem.

Ataque especulativo e crise

A opção do governo em priorizar o pagamento da dívida coloca o Brasil à mercê de um forte ataque especulativo. Enquanto os demais países desenvolvidos ou em desenvolvimento reduziram os juros para enfrentar a crise internacional, o Brasil aumentou. A taxa Selic está fixada em 8,75. Nos Estados Unidos, por exemplo, a taxa de juros foi reduzido ao menor nível histórico: cerca de 0,25%. Na Europa, gira em torno de 2,5%. Na China, 5,5%.

Luz no fim do túnel

Em 2007, o presidente do Equador, Rafael Correa, assinou um decreto nomeando uma comissão para promover a auditoria da dívida pública daquele país. Maria Lúcia Fatorelli foi uma das estrangeiras a fazer parte desta comissão. Os resultados foram impressionantes.

A auditoria equatoriana descobriu, por exemplo, que em 30 anos houve uma sangria de U$S 7,13 bilhões do tesouro daquele país para pagar irregularidades referentes às dívidas. O presidente Correa propôs, portanto, reconhecer e honrar apenas 30% do valor total da dívida e 95% dos credores concordaram. Com isso, o Equador pode aumentar em 70% os investimentos em saúde e educação. **Um belo exemplo para o Brasil.**

O Brasil gasta com a Dívida Pública 7 vezes o que gasta com Saúde 13 vezes o repasse para a Educação 192 vezes o investido na Reforma Agrária

"O pagamento da dívida pública está no centro e na origem de todos os problemas sociais que entravam o desenvolvimento do país, impondo muitos sacrifícios aos brasileiros, especialmente à população mais pobre".

Najla Passos

Laércio do Nascimento

Desigualdade brasileira em números, na fala de João Pedro Stédile (MST)

Os números que a mídia esconde

A sociedade brasileira vive uma crise civilizatória, porque a estrutura é extremamente perversa. É uma fábrica de se produzir pobres e humilhados. Este é o Brasil que precisamos mudar. Vejam o que as estatísticas nos mostram. *(João Pedro Stédile)*

9ª Economia do mundo

O Brasil é a 9ª economia mundial em valor de riqueza. No entanto, pelo padrão das condições de vida, nós estamos no 75º lugar, o que demonstra que essa riqueza não vai para o povo.

7º mais injusto do planeta

O Brasil é a 7ª sociedade do planeta de maior desigualdade social, ou seja, temos a 7ª pior distribuição de renda no mundo. Nós temos 80 milhões de brasileiros em idade adulta para trabalhar, e 60% está no trabalho informal. Apenas 40% são trabalhadores com carteira assinada, com direitos trabalhistas. Essas condições desiguais são geradas pela concentração de renda que existe.

1% possui 46% das terras

No meio rural a concentração da propriedade da terra é das maiores do mundo. Nada justifica que 1% dos proprietários sejam donos de 46% das terras. O banqueiro Daniel Dantas comprou 600 mil hectares de terra, 36 fazendas, em 3 anos, no sul do Pará. A própria Cutrale, que é associada com a Coca Cola e monopoliza praticamente o comércio de laranja no mundo, tem 60 mil hectares em São Paulo. Detalhe... boa parte destas terras da Cutrale tem seu título de propriedade contestado pelo INCRA. Ou seja... seriam terras invadidas, pela Cutrale.

Faltam milhões de casas

Na primeira semana de novembro, os jornais noticiaram que a cidade de SP tem 400 mil imóveis, casas e apartamentos, fechados para especulação.

Latifúndios do ar

O monopólio da comunicação talvez seja tão perverso quanto a concentração da terra e da riqueza no país. Porque, através da concentração da informação nas mãos de sete grupos econômicos, eles manipulam o que as pessoas pensam. E portanto fazem com que as ideias da mudança e a indignação contra as injustiças se desloquem ou se enfraqueçam. Certamente a sociedade brasileira só será mais clara e justa quando fizermos uma democratização dos meios de comunicação.

É esta realidade que precisa ser mudada. E o MST é uma força para lutar por uma nova sociedade. Totalmente diferente desta que aí está.

Marília Gonçalves entrevista Marcos Dantas, palestrante no 15° Curso Anual do NPC

É necessário banda larga para todos

Em entrevista concedida antes da realização da Confecom, o professor Marcos Dantas, da UFRJ, conversou com o Boletim NPC sobre TV paga, acesso às novas tecnologias e novo marco regulatório para a Comunicação no Brasil

NPC: Na sua palestra no curso do NPC, o senhor afirmou que, daqui a 10 anos, só haverá TV paga no Brasil.

Marcos Dantas: Afirmei que, em função do que se pode observar, em uma década a TV paga deverá ser dominante no Brasil. A TV paga ainda não se expandiu desta forma devido ao controle que a Rede Globo conseguiu exercer sobre ela – para não deixar que ela concorresse com a Globo, aberta. Por outro lado, uma hipótese possível e ruim é que você tenha o convívio de dois sistemas: o aberto e o pago. Sendo que as classes média e alta vão assistir à TV paga, enquanto a TV aberta passará a ser exclusiva da população pobre. Se isso acontecer será o pior dos mundos. Porque a TV aberta orientada para a população pobre tenderá a ser de um nível pior do que já é hoje. Tenderá a ser cada vez mais popularesca, vulgar, porque essa é a visão que a Indústria Cultural tem.

NPC: Se não fosse o "Gato NET" já não seria assim hoje?

Dantas: Sim, só que hoje as próprias camadas mais ricas da sociedade não têm acesso completo – a expansão da TV paga ainda é muito restrita – e ainda há, por esses setores, um gosto muito grande pelo menos por um ou dois canais de TV aberta. Todo mundo assiste à Globo. Mas a tendência, sobretudo da população jovem, já é assistir cada vez menos a esses canais, e ir para outras coisas – internet, celular, etc.. À medida que a TV paga se expanda, a tendência é cada vez mais essa população jovem de alta renda ignorar a programação generalista da TV aberta.

Nas camadas sociais mais pobres, naqueles grupos urbanizados, que estão inseridos na cidade, e que, por isso, a infraestrutura básica já está instalada, pode acontecer o fenômeno do "Gato NET".

NPC: No curso, o senhor se referiu a jornal e rádio como "meios ultrapassados". O que seria um meio do futuro? Como garantir o acesso da população a este meio?

Dantas: O jornal tal como a gente conhece hoje tem, no máximo, 100 anos. Então, o jornalismo e o jornalista que a gente conhece fazem parte de um processo social que, como todos os outros, tem um nascimento e uma morte. É muito provável que este jornalismo realmente esteja se transformando.

A maior parte da informação factual, da informação imediata, você começa a recorrer ao que está disponível na rede, no computador.

E aí entra a questão que você coloca. Mais uma vez esse processo só pode evoluir democraticamente se a maior parte da população ou toda ela tiver acesso a esses meios. Se isso não acontecer vai ter mais uma vez o fenômeno da apartação econômica, social, cultural – que já existe hoje. Então torna-se imperativo social, político e também econômico assegurar, num país como o Brasil, que a grande maioria da população possa ter acesso a essas novas formas interativas de se informar, através da infraestrutura apropriada, que é o que acreditamos ser a banda larga. O programa Banda Larga para Todos precisa ser desenvolvido assim como foi desenvolvido o Luz para Todos.

NPC: Se considerarmos que a internet surgiu há cerca de 20 anos, o processo de acessibilidade está correndo mais rapidamente do que com a TV.

Dantas: Essa rede massificada que chamamos de internet data do início dos anos 90, ela rapidamente se espalha. Hoje, o acesso à banda larga no Brasil não atinge a 10% da população. Em outros países do mundo, o acesso já está alcançando 40%, 50% da população. No Brasil são 7%. Precisamos de uma política pública pesada para acelerar esse processo.

NPC: Banda larga para todos deveria ser a proposta principal da Conferência de Comunicação?

Dantas: Para mim deveria ser. Acredito que o que se deveria realmente discutir é um novo marco regulatório, considerado produto de um sistema de comunicação, como uma coisa só, mas, para isto, teria que se discutir um marco regulatório diferente.

A entrevista completa está em www.piratininga.org.br

Daniel Hammes e Tatiana Lima entrevistam Laurindo Leal, ouvidor da EBC, durante o 15° Curso Anual do NPC

No Congresso Nacional existe o lobby, da terra, do céu e do ar

Lalo Leal, professor de comunicação da USP, fala sobre a importância da regionalização da programação, do estímulo aos meios alternativos e populares e sobre a existência, no Congresso Nacional, do lobby da terra, do céu e do ar.

NPC: Qual a importância da cultura regional na programação?

Lalo Leal: É fundamental. O Brasil é um país de dimensões continentais com uma diversidade cultural muito grande. Os meios de comunicação, principalmente os eletrônicos, se concentraram no eixo Rio-São Paulo. Como essas emissoras foram organizadas em forma de redes regionais, com centralização nesse eixo, elas acabaram impondo para o Brasil um modelo de vida, de hábitos, gostos e costumes produzido nesse trecho Rio-São Paulo. Então só tem um jeito: estabelecer uma legislação que determine a obrigatoriedade de programações regionais. Isso está na Constituição.

NPC: Você comentou que 98% das pessoas são informadas pelo Jornal Nacional.

Lalo Leal: A questão não é uma democratização desses meios que estão aí, porque eles são empresas comerciais, cujo objetivo é o lucro. Então tudo, toda a programação, inclusive jornalística, é subordinada aos interesses comerciais. Tem-se que impulsionar a criação de meios alternativos. Não podemos ter uma emissora sendo responsável pela informação de 98% da população.

NPC: Você também fala sobre a questão da terra, do céu, e do ar no Congresso...

Lalo Leal: Os lobbys no Congresso Nacional da radiodifusão são poderosíssimos. As comissões que discutem renovações quase não se reúnem. Quando existe a proposta de uma Audiência Pública para se discutir a renovação da Globo, ela é imediatamente derrotada. Muitos concessionários são parlamentares, o que é um absurdo. Existem no Congresso esses três grandes lobbys: o da terra, que é o dos latifundiários, que criminalizam o MST. Tem o do céu, dos religiosos em geral que também dominam a comunicação. E o do ar, que é o dos radiodifusores em geral.

NPC: E a construção da Empresa Brasil de Comunicação tem sofrido algum ataque do ar, do céu e da terra?

Lalo Leal: Recentemente a *Folha de S. Paulo* publicou um editorial pedindo o fechamento da TV Brasil. Por enquanto, a emissora ainda não tem forte presença nacional, por motivos técnicos. Na hora que tiver, o bombardeio será feroz.

A gente tem que se preparar mais! Sou defensor da ideia de se formarem grupos de apoio à TV Brasil. A sociedade, entendendo o papel e a importância que ela tem, deve começar a se organizar para defendê-la.

A entrevista completa está em www.piratininga.org.br

Fotos: Eduardo Nunes

Debate após exibição do filme *Linha de Passe* encerra o Curso

Cultura é Comunicação e formação política

O 15º Curso Anual do NPC foi agitado por uma programação cultural intensa. Ao longo dos cinco dias, os participantes conferiram apresentações de jongo, samba, teatro, funk e cinema.

No encerramento do curso, dia 15, foi exibido o filme *Linha de Passe* no Cinema Odeon, na Cinelândia. Após a sessão, foi realizado um debate com o diretor do longa, Walter M. Salles; o economista João Pedro Stédile, do MST; o deputado estadual (Psol/RJ), Marcelo Freixo; e MC Leonardo, presidente da ApaFunk.

Para Stédile, o filme tem um papel importante, pois nos leva a refletir sobre os problemas da sociedade, mostrando que não existem saídas individuais no capitalismo. O líder do MST, apoiado na experiência das lutas do Movimento, reafirmou que só soluções coletivas, quando as pessoas se organizam e tratam de mudar a sociedade em que vivem, é que podem construir um outro País. Marcelo Freixo lembrou a reprodução do medo pela mídia comercial em relação à pobreza e à periferia, o que justifica a violência do Estado.

Laércio do Nascimento

Walter Moreira Salles e MC Leonardo

O que mudou de 50 para cá?

Walter Salles contou que, quando foi filmar *Diários de Motocicleta*, em 2004, encontrou as mesmas contradições e dificuldades de que Che Guevara e Alberto Granado falavam 50 anos antes.

Ele lembrou que o discurso da criminalização, do medo e da violência ultrapassa as fronteiras do Brasil. Citou, como exemplo, os discursos de Sarkozy contra a periferia, na França, e a época de caça às bruxas, nos anos 1950, nos Estados Unidos, contra os comunistas.

MC Leonardo lembrou o preconceito em relação ao funk, e falou da importância do NPC como um espaço em que se reconhece esse discurso criminalizante e estimula a mudança dessa prática. No final, o MC cantou o funk "Tá tudo errado", composto por ele e por MC Junior.

Cultura Brasileira e identidade nacional

Fotos: Mário Camargo

Para Najla Passos, jornalista que fez a cobertura da mesa sobre cultura, "todos os dias, a mídia convencional silencia o clamor por vida e dignidade que ecoa dos morros cariocas, dos assentamentos dos sem-terra, das aldeias indígenas da Amazônia, dos vários rincões de pobreza do país. Nas páginas dos jornais, nas telas da TV, pobreza e violência se confundem de forma visceral."

"O fim da escravidão, em função da forma como foi concebido, deixando os negros abandonados e sem referência de pertencimento, gerou suicídios, exclusão social e uma onda de enorme repressão. Canudos, Revolta da Vacina, os movimentos cangaceiros e messiânicos da virada do século são tentativas de libertação de grupos que não podiam mais ser considerados mercadoria e que também não eram consumidores. ***(Beatriz Vieira - UCAM)***

"A construção da identidade nacional é feita pelas ideias hegemônicas de cada época. Não por acaso, o negro foi tão silenciado na literatura. Os intelectuais do pensamento hegemônico, na esteira do clássico "Casa Grande e Senzala", de Gilberto Freire, criam, então, o mito da democracia racial, que propõe que, no Brasil, à revelia de quaisquer evidências históricas, brancos, negros e índios vivem de forma equilibrada e harmônica. ***(Renato Ortiz - Unicamp)***

"Foram criadas normas para definir o que pode e o que não pode ser aceito, por ser considerado 'estranho'. O discurso de defesa da cultura popular pode se tornar muito opressivo se não considerarmos fenômenos transnacionais como o blues, o soul, o funk e o samba. Até porque isso faz com que se perca o diálogo com os potenciais agentes de transformação da nossa sociedade: os excluídos, os favelados, os pobres". ***(Adriana Facina - UFF)***

Mário Camargo

Jongo da Serrinha: arte e história para contar e mostrar

Conheça os grupos que participaram do nosso curso e que vêm trabalhando com a promoção da cultura e da arte, elementos de transformação que podem nos ajudar a construir um mundo melhor.

O Grupo Cultural Jongo da Serrinha surgiu da preocupação de se manter viva a tradição do ritmo no Morro da Serrinha, que fica em Madureira, Zona Norte do Rio. O jongo é uma manifestação cultural de dança e de música. É uma das heranças da cultura africana em nosso país, pois foi trazida ao Brasil pelos negros de origem bantu na época da escravidão.

Após a abolição, o ritmo sobreviveu nos morros cariocas, sendo transmitido oralmente de pai para filho, conforme a tradição. Para tentar evitar a extinção do jongo, Vovó Maria Joana Rezadeira resolveu criar um espaço para que esse conhecimento fosse passado à juventude. Graças à sua iniciativa, juntamente com o Mestre Darcy Monteiro, hoje, na Serrinha, já são mais de mil pessoas que dançam o jongo. Uma das maneiras de difundir essa cultura são os espetáculos produzidos por artistas da própria comunidade. Outras iniciativas de preservação foram a criação da Creche Tia Maria do Jongo, e do Centro de Memória da Serrinha.

Companhia Marginal, grupo da Favela da Maré emociona alunos do 15º Curso

A Companhia Marginal é um grupo de teatro criado há cerca de quatro anos. Funciona na comunidade Nova Holanda, uma das 16 que formam o Complexo da Maré, na Zona Norte do Rio. No curso do NPC, o grupo emocionou todos os presentes ao apresentar a peça "Qual é a nossa cara", que mostrou o cotidiano das favelas, marcado por situações de miséria e por seus moradores sujeitos à violência policial.

Uma importante missão do grupo é atuar em diferentes espaços, usando a arte como uma maneira de denunciar aquilo que a mídia comercial não mostra e de semear o pensamento crítico capaz de gerar ações transformadoras.

Najla Passos

O grupo se apresentou na Mesa "Mídia e criminalização da pobreza", com os expositores: Gizele Martins, do Jornal O Cidadão, Claudia Santiago, jornalista do NPC e Mauricio Campos, da Rede de Comunidades Contra a Violência

O Samba brilhou na festa de 15 anos do NPC

O Bloco *O Samba Brilha* surgiu em 2006 e é formado por boêmios da Cinelândia e por militantes de esquerda.

Foi no final do segundo dia de curso que os participantes caíram no samba ao som do grupo. Além do desfile anual e das rodas de samba mensais, o bloco também investiu recentemente na comunicação.

Em 2009, lançaram a publicação *O Samba em Revista*, para divulgar e dar visibilidade aos compositores que, nos três primeiros anos de existência do grupo, cantaram no "Beco do Samba".

Muitas de suas músicas são tocadas nas rodas de samba, rádios, discos e apresentações, mas eles ainda permanecem no anonimato. Essa valorização dos artistas e do samba que é feito no centro da cidade é por entender que o espaço da Cinelândia possui uma história político-cultural que não pode ser apagada.

Laudenice Oliveira

Vamos ler, divulgar e apoiar nossas revistas alternativas

Na década de 1990, época do avanço do "pensamento único" neoliberal, em nosso país, a Imprensa Sindical enfrentou quase sozinha o combate à esta epidemia política. Na década de 2000, nasceram ou se firmaram várias experiências de REVISTAS DA RESISTÊNCIA. Revistas de diferentes agrupamentos sociais com público próprio. Mas elas têm em comum o fato de disputar a visão de mundo hoje dominante na nossa sociedade. São as REVISTAS ALTERNATIVAS da nossa época.

Durante o 15º Curso Anual do NPC, em novembro 2009, houve uma mesa sobre estas revistas coordenada pelo cientista político da Unicamp e do NPC, Reginaldo Carmelo de Moraes. Os palestrantes foram quatro dos apaixonados lutadores da Imprensa Alternativa, alguns desde os anos 1960, outros mais novos. Estes foram os expositores, todos eles fundadores ou editores atuais destas revistas:

- ***Brasil de Fato*, Alípio Freire**
- ***Caros Amigos*, Hamilton Octavio de Souza**
- ***Retrato do Brasil*, Raimundo Pereira**
- ***Fórum*, Renato Rovai**
- ***Sem-Terra*, João Pedro Stédile (ausente)**

Além destas revistas há várias outras que poderiam ter sido convidadas. Fica para os próximos cursos. Entre estas estão: *Le Monde Diplomatique, Porantim, Revista do Brasil, Versus, Outubro* e outras revistas de análise. Além disso há muitas boas e belas revistas sindicais, ou de ONGs, com frequência variável.